



CARACTERIZAÇÃO DO PERFIL SÓCIO-ECONÔMICO-CULTURAL DOS ALUNOS INGRESSANTES NO CURSO DE ENFERMAGEM EM DUAS ESCOLAS

Edilaine Giovanini Rossetto*
Sarah N. D. Hegeto de Souza*
Andréia Bendine Gastaldi**
Silvânia Marques Figueiredo**

RESUMO:

As autoras fazem uma descrição do perfil comparativo dos estudantes ingressantes no curso de Enfermagem em uma escola pública e uma escola privada, na cidade de Londrina, caracterizando alguns aspectos sócio-econômico-culturais. A amostra estudada totalizou 94 alunos que cursavam o 1º Ano de Graduação de Enfermagem nas duas escolas. Concluem o estudo, destacando as diferenças e semelhanças significativas que caracterizam os dois grupos.

ABSTRACT

The authors do a description of the comparative profile of freshmen of the Nursing Course of a public and a private school, characterizing some social-cultural and economical aspects. The studied sample was a total of 94 students from the first year of the course, in both schools. Concluding the present study, the authors point out the significant differences and similarities between the two groups.

UNITERMOS: fatores socio-econômico-culturais, estudantes de enfermagem, educação em enfermagem, perfil.

KEY WORDS: social-economical-cultural factors, nursing students, nursing education, profile.

INTRODUÇÃO

O processo ensino-aprendizagem deve considerar, primordialmente, seus dois agentes principais: o educador e o educando. As novas tendências metodológicas enfocam o aluno como agente de seu próprio aprendizado e o professor como um facilitador nesse processo.

*Docentes do Departamento de Enfermagem da Universidade Estadual de Londrina.

**Docentes do Departamento de Enfermagem do CESULON.

Assim sendo, em uma sociedade globalizada e em constantes mudanças, faz-se necessário uma renovação de conceitos e, neste contexto, o processo educacional somente será adequado à medida que o educador conhecer dados relativos às características do educando.

Já em 1983, ACURI, ARAÚJO e OLIVEIRA referiam que o estudante deve ser visualizado como um ser em formação, necessitando de acompanhamento que propicie o seu desenvolvimento global como pessoa, e não um ser transformado em mero receptor de informações, muitas vezes oriundas apenas das crenças e valores do docente.

Vários autores, preocupados com esse tema, têm procurado identificar o perfil do aluno do curso de Enfermagem. Segundo NAKAMAE (1992), as características do estudante permitem manter bem presente e com clareza a quem o processo ensino-aprendizagem deve ser dirigido. NAKAMAE e COSTA (1993) citam ainda que constatações empíricas evidenciam que os cursos de graduação em Enfermagem nas escolas oficiais vêm atendendo a uma clientela de alunos mais exigentes, com um grau de preparo até certo ponto aprimorado, enquanto que a maioria das escolas particulares se limitam ao cumprimento estrito do currículo mínimo oficial.

Foi nessa perspectiva, considerando não haver estudos anteriores que caracterizassem o perfil dos alunos dos cursos de Enfermagem da cidade de Londrina, que os autores encontraram motivação para a presente investigação, que tem como objetivo identificar dados concretos que definam as características sócio-econômico-culturais do aluno ingressante nas duas escolas de Enfermagem existentes na cidade, sendo uma pública e a outra particular, como também mostrar as diferenças e semelhanças do perfil dos estudantes das referidas escolas. Será que existe um perfil característico do aluno do curso de Enfermagem da escola pública versus a escola privada?

Acredita-se, também, que este estudo possa servir de subsídio para estudos posteriores relativos ao tema e que venham contribuir para a reflexão das práticas metodológicas utilizadas.

METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa descritiva de natureza exploratória, baseada no método estatístico quantitativo.

O presente estudo baseou-se em dados de uma amostra de estudantes provenientes do curso de Enfermagem de duas escolas de Enfermagem da cidade de Londrina, estado do Paraná, sendo denominada escola **A** e escola **B**. A escolha desses dois estabelecimentos de ensino superior deve-se ao fato de que são os únicos que oferecem o curso de Enfermagem na cidade de Londrina.

A escola **A** é a pública (estadual), ensino gratuito, em período integral, com duração de 4 anos e oferece 60 vagas anuais disputadas em dois vestibulares semestrais, numa concorrência de aproximadamente 12,89 alunos/vaga (1997). É localizada em região afastada, num raio de mais ou menos 8 Km da área central da cidade.

A escola **B** é de rede particular de ensino, cobra mensalidade de seus alunos. O curso tem duração de 4 anos, em período integral e oferece um total de 50 vagas anuais, numa relação de 3,6 alunos/vaga (1997), concorridas num vestibular anual. Localiza-se na área central da cidade.

A população definida se constitui dos alunos matriculados no 1º ano do curso de Enfermagem das duas escolas e a amostra obedeceu o seguinte critério: o questionário seria aplicado aos alunos presentes em sala de aula por ocasião da visita dos pesquisadores às escolas selecionadas e não ao universo dos estudantes matriculados.

A coleta de dados foi realizada em dias letivos e regulares, a fim de se obter maior número de estudantes. Ocorreu no período de 10 a 15 de setembro de 1997. Dos 61 alunos matriculados na escola pública, 93,4% responderam ao questionário e 90,2% dos alunos da escola particular, dentre os 41 matriculados.

Obedecendo ao critério referido anteriormente, o estudo foi realizado com uma amostra de 94 estudantes (92,2% da população total dos cursos). A escola pública representou um total de 60,6% dos alunos questionados (57), enquanto que a particular representou um total de 39,4% de alunos (37) da referida amostra.

O instrumento elaborado para a coleta de dados constituiu-se de um questionário contendo questões abertas e fechadas, totalizando 25 perguntas (Anexo) e foi baseado nos itens utilizados em estudos previamente realizados por NAKAMAE (1976), NAKAMAE e COSTA (1993), PASTORE e PEROSA (1971) e nas recomendações obtidas através da validação do instrumento nas duas escolas referidas.

Um pré-teste do instrumento foi realizado e aplicado em 21 alunos do 3º ano de graduação em Enfermagem da escola **A**, de onde foram coletadas sugestões relevantes e algumas alterações foram feitas no instrumento para a melhoria do mesmo.

Os dados estudados foram agrupados da seguinte forma: a) dados de identificação: idade, sexo, estado civil; b) nível sócio-econômico: procedência, residência, renda familiar, dependência econômica, nível de instrução dos pais, tipo de transporte utilizado para locomoção à escola; c) histórico escolar: formação de 2º Grau, tentativas de ingresso em curso superior, primeira opção de curso; d) fatores relacionados ao aproveitamento escolar: trabalho remunerado e sua justificativa, adequação do trabalho ao curso, carga horária semanal trabalhada e interferência do trabalho no estudo, tempo gasto no percurso até a escola, local das refeições; e) motivo da opção pelo curso e conhecimento da profissão; f) nível cultural: religião, hábito e tipos de leitura, hábitos de lazer, domínio de idiomas e informática.

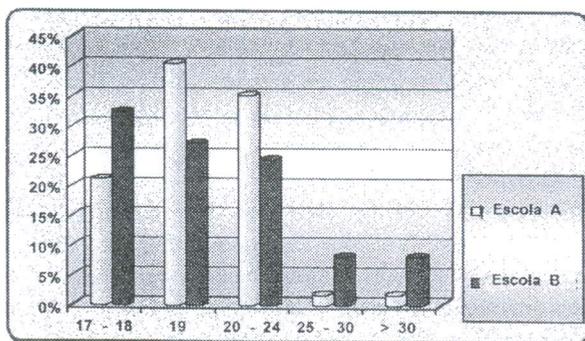
A forma escolhida para aplicação do instrumento foi de distribuição dos mesmos em sala de aula e recolhimento imediato após seu preenchimento. A distribuição foi realizada pelos próprios autores e as dúvidas foram sendo esclarecidas à medida que surgiam. A aplicação do questionário foi bem recebida pelos alunos e nenhum deles se negou a cooperar.

O tratamento dos dados seguiu uma distribuição de frequência relativa e foram apresentados em 22 gráficos, dos quais serão apresentados 09 na presente publicação, fazendo a discussão dos resultados, logo a seguir, enfatizando os valores mais significativos encontrados.

Na discussão final, foi traçado o perfil comparativo dos estudantes das escolas envolvidas, em concordância ao agrupamento dos dados anteriormente descrito.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Figura 1 - Distribuição dos Estudantes Segundo a Idade



Pelos dados coletados observa-se que a maioria dos alunos ingressam nas escolas reeridas com idade inferior a 20 anos (escola **A** - 61,40% e escola **B** - 59,46%), sendo que 40,35% dos alunos ingressantes na escola **A** têm 19 anos e 32,43% dos alunos ingressantes na escola **B** estão na faixa etária de 17 a 18 anos. É um consenso geral que o atual sistema de seleção para o ingresso no curso superior, bem como a grande oferta de cursos, são causas de situações conflitantes para muitos jovens, nesta faixa etária, no momento em que precisam se decidir profissionalmente para os exames vestibulares, conforme comenta ARCURI, 1993.

Em relação a sexo, estado civil e religião, observamos que em ambas as escolas ocorre o predomínio do sexo feminino (94,7% na escola **A** e 89,2% na escola **B**), confirmando a citação de CASTRO et al (1982) que afirma que a Enfermagem é uma profissão tradicionalmente feminina.

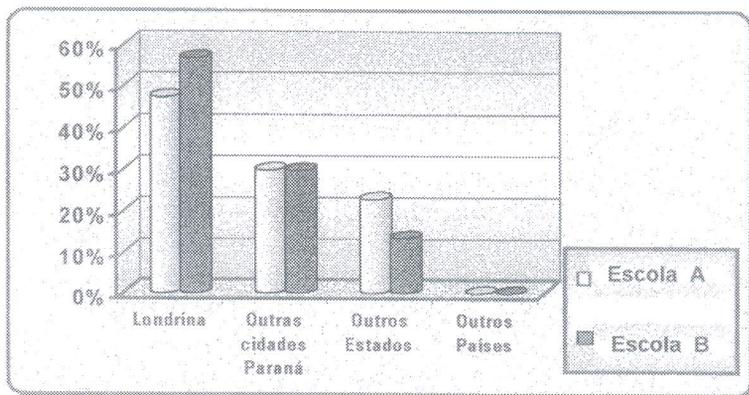
Ocorre uma grande prevalência de alunos solteiros, com freqüência de 94,7% na escola **A** e 83,8% na escola **B**, porém a escola **B** conta com a maior parte dos casados (16,2%).

NAKAMAE (1976) cita que

"Pastore e Perosa afirma que a maioria dos estudantes só se casará quando terminar o curso ou, se o fizer antes, tenderá a interromper os estudos, o que explicaria a predominância de alunos solteiros nos cursos de tempo integral"

E ainda, na escola **A** como na escola **B** observa-se que a grande maioria dos estudantes é da religião católica, perfazendo uma porcentagem de 78,95% e 81,10%, respectivamente, independente da escola B ser uma instituição confessional evangélica.

Figura 2 - Distribuição dos Estudantes Segundo a Procedência

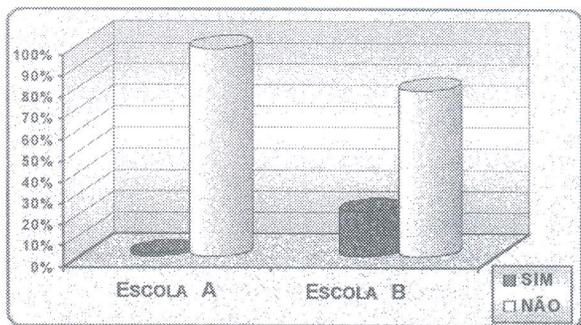


Os resultados da tabela mostram que a maior parte dos alunos da escola A são de outras cidades e estados (52,64%) enquanto que na escola B a maior porcentagem é da cidade de Londrina (56,76%). Ao se considerar as cidades especificadas pelos estudantes observa-se serem na sua maioria próximas a Londrina. Quanto a outros estados, todos são de São Paulo, exceto um estudante do estado de Goiás.

Os dados obtidos em relação à renda familiar demonstram que a renda entre 10 e 20 salários mínimos é predominante em ambas as escolas, e o número de pessoas que vive dessa renda, entre 4 e 5 pessoas.

Quanto à "onde/com quem residem e dependência financeira", a maior porcentagem dos estudantes reside com os pais, sendo 59,6% da escola A e 56,8% da escola B; a dependência financeira dos pais apresenta maior frequência, com a porcentagem de 89,5% na escola A e 70,3% na escola B. Isto talvez se deva ao fato e a grande parte dos estudantes ser solteira conforme BOLL et al (1988).

Figura 3 - Distribuição dos Estudantes com Relação a Trabalho Remunerado Atualmente.



Dos alunos da escola **B**, 21,6% trabalham, contrapondo-se a 1,8% dos alunos da escola **A**.

Todos os alunos da escola **B** justificam a necessidade de trabalhos por motivos de: sustento próprio e da família, manutenção dos estudos e somente 1 aluno refere aumento da renda familiar. Gostaríamos de salientar ainda que todos os estudantes da escola **B** que trabalham são auxiliares de enfermagem, com uma carga horária de trabalho de mais 30 horas semanais e, 87,5% deles referem cansaço e tempo insuficiente para estudar e apenas 1 aluno (12,5%) declara "se esforçar mais nos estudos", justificando que o trabalho não interfere negativamente no mesmo.

Dentre os alunos que quiseram justificar por que não trabalham, alegaram a dedicação exclusiva ao estudo e a característica do curso acontecer em período integral em ambas as escolas.

Quando questionados sobre "tipo de transporte utilizado" e "tempo gasto no percurso para a escola", os dados mostram que a maior porcentagem de alunos (35,1%) que estudam na escola **B** gastam apenas 15 minutos durante o percurso até a escola e 18,42% referem ir a pé. Provavelmente isso se leva ao fato de sua localização central.

A opção "ir a pé" é inexistente na escola **A** e 89,5% dos alunos desta escola utilizam o ônibus como meio de transporte à mesma. O tempo gasto nesse percurso é de até 45 minutos em 31,6% dos casos. Ressalta-se aqui que a escola **A** localiza-se distante da área central da cidade.

No cruzamento dos dados encontramos, dentre os alunos que gastam até 1 hora ou mais no seu percurso, aqueles que moram nas cidades vizinhas (considerada área metropolitana) e enfrentam estradas diariamente. Tal fato é comprovado em publicações na **Folha de Londrina** em 31 de agosto de 1997, relatando que "dados fornecidos pelas instituições de ensino não deixam dúvidas quanto a massiva presença de 'estrangeiros' nos cursos de 3º grau existentes em Londrina e região."

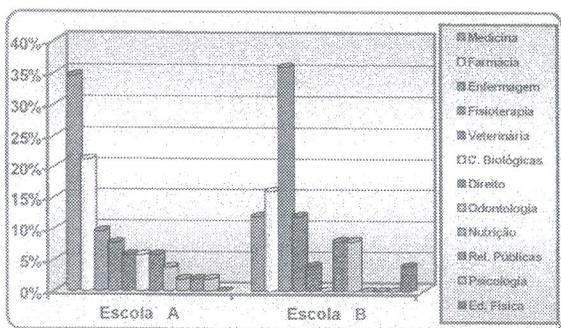
Aproximadamente metade dos estudantes fazem suas refeições em casa (54,83% na escola **A** e 51,07% na escola **B**), independente da diferença de distância das mesmas. Dos estudantes que referem fazer suas refeições fora de casa, 45,17% são da escola **A** e 48,93% da escola **B**. Quanto às justificativas dessa opção, a maioria referiu a falta de tempo como principal motivo.

Outro item abordado foi em relação à escolaridade dos pais dos estudantes.

As respostas mostram que os pais e mães apresentam nível de instrução variada. Na escola **A** a prevalência é de pais e mães com 1º grau (36,8% e 49,1% respectivamente, enquanto na escola **B** 37,8% dos pais têm 2º grau e 35,1% das mães têm 1º grau. Observa-se ainda que na escola **B** aparece analfabetismo em 5,4% das respostas.

Em relação ao curso de 2º grau frequentado pelos estudantes, a incidência do ensino regular prevaleceu (57,9% na escola **A** e 37,8% na escola **B**). Observa-se ainda que a maior parte dos estudantes cursou o 2º grau no período diurno (68,4% na escola **A** e 48,6% na escola **B**). O ensino público predominou na escola **B** (45,9%) e o particular e público tiveram o mesmo percentual (38,6%) na escola **A**. Consideramos que a análise dessa questão foi prejudicada devido a significativa porcentagem de estudantes que não responderam.

Figura 4 - Distribuição dos Estudantes Segundo os Cursos de Primeira Opção no Vestibular

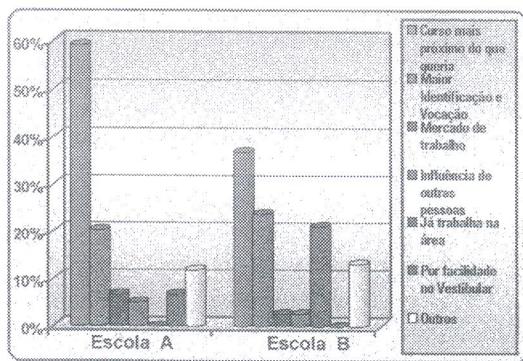


Dados obtidos mostram que a maioria dos estudantes não ingressou no curso de Enfermagem na primeira tentativa do vestibular: 86% dos alunos da escola A e 62,2% dos alunos da escola B fizeram vestibular, pelo menos, mais de uma vez. Ainda constatamos que a área de preferência das outras tentativas correspondeu à Biológica, com uma porcentagem de 91,8% na escola A e 87% na escola B. Já em relação ao curso de opção para outras tentativas, verifica-se uma diferença significativa entre as duas escolas, pois predomina a opção por Medicina (34,6%) e Farmácia (21,2%) na escola A e, na escola B, a maioria dos estudantes optou pela própria Enfermagem (36%) nas tentativas anteriores, conforme demonstrado na Figura 4.

Apesar de, na escola B, a maioria ter optado pela Enfermagem, consideramos relevante a porcentagem de opção por outros cursos.

Tal fato foi considerado por ANGELO (1995) referido que "...é com este contexto de motivação que tem início a aprendizagem da profissão Enfermagem", não classificando como fator determinante para a qualidade do futuro profissional.

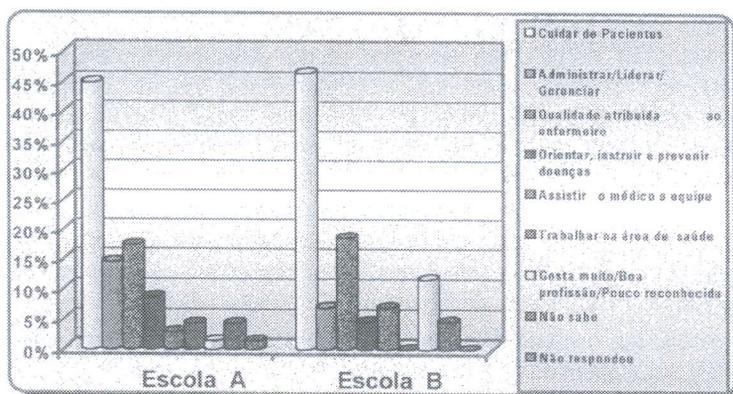
Figura 5 - Respostas dos Estudantes Segundo o Motivo de Opção pelo Curso de Enfermagem



Quanto aos motivos apresentados pelos estudantes sobre a opção pelo curso de Enfermagem, percebe-se tanto na escola **A** (49,15%) como na escola **B** (36,84%) que a resposta "curso meio próximo do que queria" foi predominante. Isto talvez se deva ao fato de que a Enfermagem não tenha sido a primeira opção (Figura 5). Destaca-se, ainda, que 21,05% dos estudantes da escola **B** escolheram a profissão por já trabalharem na área, todos auxiliares de enfermagem, enquanto que esta situação inexistente na escola **A**.

Segundo ALMEIDA e ROCHA (1986), o saber da Enfermagem sempre esteve muito próximo ao da Medicina; seus limites são irregulares e até sobrepostos. Isto tem dificultado a compreensão do que seja a Enfermagem e sua conceituação ainda é um campo de debates. As relações da Enfermagem com a Medicina têm sido uma questão ainda discutida no que diz respeito à dependência daquela para com esta.

Figura 6 - Opinião dos Estudantes Segundo "O QUE É SER ENFERMEIRO"



Conforme a Figura 6, as respostas apresentadas pelos estudantes das duas escolas demonstram que a grande parte associa a profissão a "cuidar de pacientes" (44,9% na escola **A** e 46,51% na escola **B**).

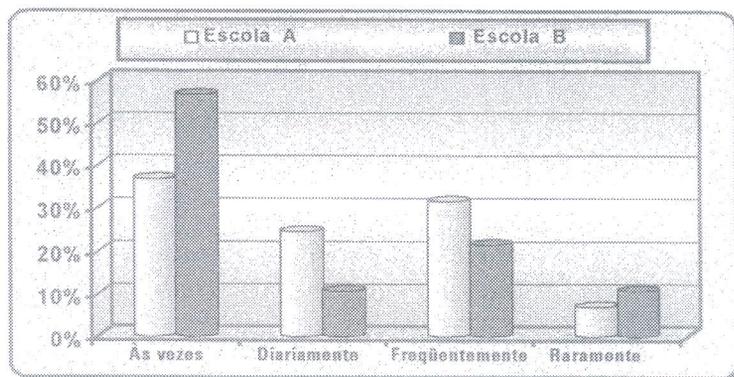
Estes achados são confirmados na pesquisa de TEIXEIRA et al (1989) que explica tal fato por vários fatores, dentre eles, a insuficiente valorização da profissão pela sociedade e a imagem negativa e distorcida da profissão transmitida pelos meios de comunicação.

Cabe ressaltar que diversas respostas (17,4% na escola **A** e 18,60% na escola **B**) se referiram a qualidades atribuídas ao enfermeiro como profissão de altruísmo, que foi bem definida nos estudos de TEIXEIRA et al (1989) como "aquela que envolve abnegação, amor ao próximo e desprendimento". Os termos utilizados pelos alunos nas respostas foram: amor, doação, dedicação, solidariedade, ponto de apoio, companheiro, amigo, amável, responsável, etc...

Várias definições oferecidas pelos estudantes demonstram claramente o desconhecimento da profissão, porém, não devem ser classificadas como certas ou erradas. Deve-se sim, considerar o olhar que o aluno tem para a profissão quando adentra

à universidade e fazer uma análise, de acordo com ANGELO (1995), quando diz que "aprender a profissão Enfermagem é viver um processo que resulte em maturidade e autonomia profissional; é uma transição da ingenuidade para a maturidade intelectual e também para a auto-consciência".

Figura 7 - Distribuição dos Estudantes Segundo O Hábito de Leitura



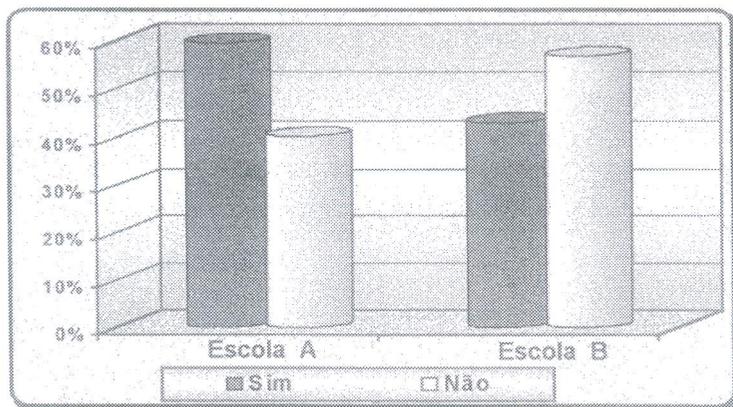
Quanto ao hábito de leitura, na escola A 36,8% dos estudantes referem ler "às vezes" e 31,6% "frequentemente". Na escola B predomina o hábito de ler "às vezes" em 56,8% (figura 7) das respostas. A ausência do hábito de leitura tem sido motivo de grandes entraves no sistema de ensino, e vários esforços têm sido feitos no intuito de melhorar este panorama, através do incentivo ao "gostar de ler" desde pequeninos. (ROSSETTI, 1997).

Segundo os dados coletados, o tipo de leitura preferida pelos estudantes é o jornal (71,9% na escola A e 73,0% na escola B) e revista (78,9% na escola A e 86,5% na escola B). Dentre as revistas mais citadas destacamos **Veja**, **Isto É** e **Super Interessante**.

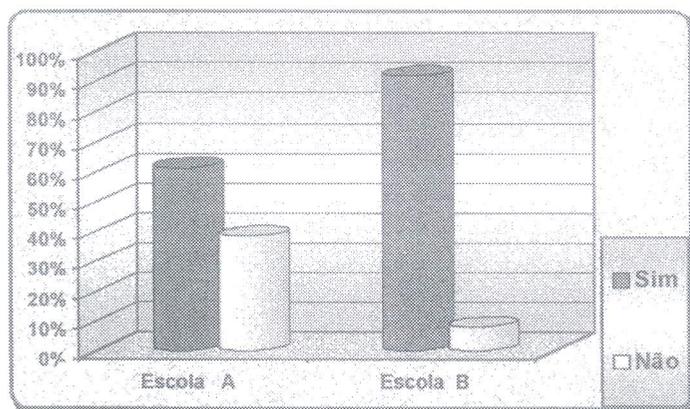
As respostas obtidas quanto aos hábitos de lazer mostram preferência por "assistir à TV" (87,7% na escola A e 94,6% na escola B) e "ir ao cinema" (71,9% na escola A e 69,4% na escola B).

Aproximadamente a metade dos estudantes referem praticar esporte até três vezes por semana (54,4% na escola A e 47,2% na escola B). Salientamos que essa questão permitia mais de uma resposta.

Alguns destes aspectos questionados acima, frequentemente estão presentes nos testes de longevidade, subsidiando "nível de stress" e "qualidade de vida".

Figura 8 - Distribuição dos Estudantes Segundo o Conhecimento de Outro Idioma

Como demonstrado na Figura 8, mais da metade dos estudantes da escola A (59,6%) referem ter conhecimento de outro idioma. Na escola B, o percentual foi de 43,2%. Os idiomas mais citados em ambas as escolas foi o inglês e espanhol, e, em menor frequência, francês, japonês e italiano. O domínio em relação a cada idioma foi variado. A competitividade do mercado de trabalho e a tecnologia crescente têm evidenciado que saber falar uma segunda língua, especialmente o inglês, é hoje em dia essencial. Entretanto, "pela legislação brasileira, o ensino da língua estrangeira só é obrigatória por dois anos entre a 5ª e 8ª séries do 1º Grau - daí a deficiência generalizada ... o pouco tempo de exposição do aluno à outra língua". (ROSSETI, 1997)

Figura 9 - Distribuição dos Estudantes Segundo Noções Básicas de Informática



Os dados da tabela mostram que a maioria dos estudantes tem noções básicas de informática (61,4% na escola **A** e 91,9% na escola **B**). Ressaltamos que 41,2% da amostra da escola **A** e 41,7% da amostra da escola **B** referem possuir computador em casa.

A superioridade do resultado da escola **B** talvez se deva ao fato de a escola oferecer uma disciplina de informática no primeiro ano do curso de Enfermagem.

Atualmente o discurso mais freqüente da informática é que o computador é um instrumento de trabalho. A idéia básica é saber para que serve um computador e em que situações você pode usá-lo, além disso, é conseguir que ele atenda às suas necessidades, conforme discutido em reportagem veiculada na Folha de São Paulo. (ROSSETTI, 1997)

CONCLUSÃO

A vantagem maior deste estudo foi o conhecimento mais abrangente que as autoras puderam obter dos alunos, podendo ser muito útil à prática educacional a ser adotada, como também auxiliar os docentes no difícil papel de educadores. Tem o propósito ainda de subsidiar uma reflexão curricular e permitir às instituições trabalharem dentro de um contexto sócio, econômico e cultural parcialmente conhecido.

Apresentamos aos Colegiados de Curso, o instrumento de coleta de dados utilizado no presente estudo, como recomendação de aplicação aos alunos ingressantes no curso de Enfermagem anualmente, servindo de subsídio para o conhecimento da clientela para a qual se elabora o programa pedagógico de curso.

A relevância dos aspectos levantados na pesquisa referente à profissão sugere que os enfermeiros na sua atuação e postura profissional transmitam à sociedade uma imagem real e positiva da Enfermagem, para que ocupem o lugar de destaque que merece.

Concluimos que o perfil do aluno não se define pelas características da escola que se candidata, mas que ele procura a escola que mais se adequa a ele. Assim, não podemos traçar o perfil do aluno da escola privada ou pública, somente demonstrar algumas diferenças e semelhanças encontradas entre eles.

Este trabalho não tem a pretensão de encerrar a análise do perfil do aluno ingressante no curso de Enfermagem, mas, incentivar a abertura de novas linhas de pesquisas, que dêem continuidade em maior alcance e profundidade ao tema, num processo contínuo, face às mudanças que forem ocorrendo no perfil dos estudantes.

"Na graduação do Profissional-enfermeiro, as referências teóricas ressaltam a necessidade de que se vincule a um perfil definido, de modo que o aluno se torne: um líder motivador, educador e inovador; crítico e político; criativo, seguro, amadurecido pessoal e profissionalmente; responsável, comprometido; com postura ético-profissional, hábil em sua execução prática e com princípios humanísticos e técnico-científicos."

(TEIXEIRA et all, 1989)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, M.C.P.; ROCHA, J.S.Y. **O saber de enfermagem e sua dimensão prática**. São Paulo: Cortez, 1986
- ANGELO, M. A opção pela enfermagem. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 29, n.1, p.3-7, abr.1995.
- ARCURI, E. A. M.; ARAUJO, T.L.; OLIVEIRA, M. A. C. Fatores que influenciaram alunos ingressantes na Escola de Enfermagem da USP, em 1981, na escolha da enfermagem como opção profissional. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v.17, n. 1, p. 5-19, 1983.
- BOLL, A. R. et al. Qual é o perfil do estudante de enfermagem da UFRGS? **Revista Gaúcha de Enfermagem**, v.9, n.2, p. 118-124, dez. 1998.
- COSTA, O. educação: ensino superior atrai milhares de jovens. **Folha de Londrina**, Londrina, 31 ago. 1997. Folha Reportagem, p.4.
- HORTA, A. L. ; BONILHA, A. L. L.; RIBEIRO, M. O. Características e aspirações do atual graduado de enfermagem: comparação entre duas instituições de ensino. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v.22,n.3, p. 323-337 dez, 1988.
- MISHIMA, S. M. ; ALMEIDA, M.C.P. A baixa demanda aos cursos de enfermagem - um perfil da profissão traçado pelos jovens. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v.28, n.2, p. 137-146, ago. 1994.
- NAKAMAE, D. D. Mudanças no perfil do estudante da Escola de Enfermagem das Universidades de São Paulo em quinze anos - 1973 à 1988. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 26, n. 1, p. 9-16, mar. 1992.
- NAKAMAE, D. D.; COSTA, M. L. A. S. Semelhança e diferenças do perfil de estudantes em escolas de enfermagem oficiais e particulares da região da Grande São Paulo. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 12, n. 2, p. 72-77, maio/ago. 1993.
- NAKAMAE, D. D. et al. Caracterização socio-econômica e educacional do estudante de enfermagem nas escolas de Minas Gerais. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 31, n. 1, p.109-118, abr. 1997.
- PASTORE, J.; PEROSA, G. G. **O estudante universitário em São Paulo**. São Paulo: Instituto de Pesquisas Econômicas da USP, 1971.
- PORFIRIO, R. M. et al. Perfil sócio-econômico-cultural do estudante de auxiliar de enfermagem de São Paulo - SP. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 45, n.4, p. 290-301, out./dez. 1992.
- ROSSETTI, F. Qual a escola ideal para sua criança? **Folha de São Paulo. Educação - Suplemento Especial**, São Paulo, 7 ago. 1997.
- TEIXEIRA, M. L. O, et al. O curso de enfermagem da U. F. J. F. fatores que influenciam na opção dos alunos pelo curso. **H.U. Revista**, v.16, n.3, p. 199-229, set./dez. 1989.